

Estudos da Língua(gem)

Estudos em Análise de Discurso

Para além de rituais e costumes: o que podemos dizer sobre a noção de cultura em análise do discurso?

Beyond rituals and customs:
what can we say about the notion of culture in discourse analysis?

Thaís Valim Ramos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS - BRASIL

Maria Cristina Leandro Ferreira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS - BRASIL

RESUMO

Este artigo está centrado na relação entre as noções de ideologia, inconsciente e cultura. Objetiva-se dar um passo em direção à relação entre essas noções a fim de perceber as marcas que remetem à porosidade e à opacidade das práticas e rituais que fazem parte da cultura e que estão presentes no processo de interpelação do sujeito, produzindo ilusões que colocam o sujeito no centro e origem do que diz. Nesta direção, interessa-nos pensar sobre a possível interpelação do sujeito pela cultura, a qual relacionada à ideologia funciona naturalizando sentidos, criando efeitos de evidência e verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Ideologia. Inconsciente. Sentido. Interpelação.

ABSTRACT

* Sobre a autora ver páginas 154.

Estudos da Língua(gem)	Vitória da Conquista	v. 14, n. 2	p. 139-154	Dezembro de 2016
-------------------------------	----------------------	-------------	------------	------------------

DOI:

ISSN versão online: 1982-0534

This paper aims attention at the relationship among the notions of ideology, unconscious and culture. It is intended to take a step towards the correlation among these notions in order to realize the marks that refer to the porosity and opacity of the practices and rituals that are part of a culture and that are also present in the process of the interpellation of the subject, producing illusions that place the subject in the center and as the origin of what they say. In this sense, we are interested in thinking over the possible interpellation of the subject by the culture, which related to ideology works naturalizing senses, creating effects of evidence and truth.

KEYWORDS: *Culture. Ideology. Unconscious. Sense. Interpellation.*

*Sou um estrangeiro para minha alma.
Quando minha língua fala, meu ouvido estranha-lhe a voz;
Quando meu Eu interior ri ou chora, ou se entusiasma, ou treme,
meu outro Eu estranha o que ouve e vê, e minha alma interroga minha alma.
Mas permaneço desconhecido e oculto, velado pelo nevoeiro, envolto no silêncio.
(Khalil Gibran)*

1 Existe um lugar para a cultura em análise do discurso?

Este texto busca explorar a noção de cultura numa dimensão discursiva em relação a conceitos-chaves na Análise do Discurso, ideologia e inconsciente. Como nos mostra Esteves (2014), Pêcheux, fundador da análise do discurso na qual nos inserimos, faz menção à cultura em suas obras, deixando pistas de como tratá-la neste campo, tal como na citação abaixo,

Encarada seriamente (isto é, de outro modo que apenas uma simples "troca cultural") essa aproximação engaja concretamente maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido (PÊCHEUX, 2012, p. 49).

Nesse trecho, Pêcheux situa a cultura em paralelo com a política, a ideologia, a filosofia e a estética, sem sobrepor-lhe a nenhuma dessas ordens, mas

sim relacionando-a a elas. Talvez um dos motivos pelos quais esse conceito tenha ficado à margem na Análise do Discurso tenha sido a preocupação de algumas áreas de conhecimento em determinar os contornos da cultura e dizer o que ela compreende ou não levando a um pensamento fixista. Essa preocupação em determinar suas margens acaba restringindo ou ampliando demais o lugar que lhe cabe, podendo, de forma pouco criteriosa, ser qualquer coisa. No entanto, o conceito de cultura está sendo agora debatido nesse campo de estudo, buscando seu espaço.

Falar de cultura implica trazer a história de um coletivo e as relações deste com outras culturas, a maneira como se organizam socialmente, se adaptam ao ambiente em que vivem e as regras que estabelecem para essa organização. Trata-se de *um processo sem sujeito, nem fim*, trazendo Althusser. Isso quer dizer que os sujeitos são agentes das práticas históricas de produção e reprodução, no entanto, são sujeitos que atuam sob determinações das formas de existência histórica e agem atravessados de uma forma-sujeito que é a própria existência histórica dos indivíduos, agentes das práticas sociais. Como diz Althusser (1978, p. 67) "os agentes-sujeitos só são ativos na história sob a determinação das relações de produção e de reprodução, e em suas formas".

As ações humanas são práticas de significação e, portanto, ideológicas que dão aos sujeitos direções de como agir, como se portar dentro de uma comunidade. A cultura, assim como a ideologia, é constitutiva dos sujeitos. O modo como a economia, a política, as instituições são pensadas relacionam-se aos hábitos e sentidos comuns que foram se forjando na história, assim como os conflitos e a maneira como foram se resolvendo e significando dentro de uma cultura foram dando aos sujeitos a maneira de agir. É válido ressaltar que tal processo é apagado no momento mesmo em que acontece, produzindo como consequência um efeito de evidência. Desse modo, para o sujeito não parece existir outra forma além daquela que "vê" diante de si.

Como em análise do discurso, o sujeito só é sujeito quando interpelado pela ideologia, podemos dizer que a cultura está enredada pela ideologia, cabendo frisar que não se trata da mesma coisa, uma não substitui a outra. Temos, assim, a ideologia determinando os sentidos de uma cultura, a qual fornece a seus membros a ilusão de unidade, de pertencimento através de suas práticas e rituais a serem assimilados e reproduzidos.

Entendemos a cultura como resultado de um processo em constante transformação que não pode ser analisado separado dos movimentos históricos e sociais que a envolvem. Dessa forma, a cultura não trata apenas da reprodução, mas também da transformação, com espaços para criticidade e

interpretação. A cultura não existe fora do social, este entendido como constituído pelas formações imaginárias que funcionam no discurso e que medeiam a relação do sujeito com suas condições de existência, e dissociada da história. A cultura está presente em todos os aspectos da vida social e não trata apenas de um conjunto de sobras separada das áreas da ciência, tecnologia, educação, sistema jurídico, político e esportes, sendo cultura, nesse caso, somente o que se refere a música, pintura, escultura, artesanato, folclore em geral e teatro (SANTOS, 2012). Para falar em cultura, é necessário buscar o processo histórico que a produz, assim como as relações de poder e os conflitos de interesses dentro da sociedade. Assim, a visão de Mariani (2009, p. 45) acerca da cultura vem nos auxiliar a pensar a cultura,

como resultante de práticas dos sujeitos e entre sujeitos que remetem para um estado de coisas num determinado momento e em um determinado lugar em uma formação histórica; práticas vinculadas a maneiras de se relacionar em sociedade. Ao mesmo tempo, são práticas não dissociadas dos modos sócio-históricos de produção, reprodução, resistência e transformação dos sentidos. Práticas expostas também à errância e à não-totalidade dos processos de significação.

Assim sendo, é uma ilusão crer na manutenção eterna dos mesmos princípios e costumes. O conceito de cultura, entendido como algo a ser assimilado, cria um efeito de homogeneização, apagando as diferenças internas e, servindo para legitimar o poder, bem como permitindo identificar os sujeitos através do seu comportamento, maneira de falar, ou mesmo pela maneira de vestir, de sorrir, de agir à mesa.

São processos "coisificados", não reconhecidos como um fazer, eles parecem ter vida própria e interpelam de um âmbito superior ao dos sujeitos, como se pertencessem a uma entidade transcendente e não pudessem ser modificados. Todavia, a cultura trata de uma construção realizada por sujeitos que por sua vez são resultados de realizações anteriores. Estas realizações abarcam palavras, gestos, alimentos, assim como sistemas de governo, religiões, divisões, concepções de raça e de gênero entre outros. Trata-se de dizeres que fazem parte do interdiscurso, e que são retomados pela memória discursiva dos sujeitos. São dizeres que foram falados antes em outro lugar que funcionam sob a dominação do complexo das formações ideológicas, as quais fornecem aos sujeitos, através do hábito, das práticas e rituais da cultura, o que é e o que deve ser.

Dessa forma, os sentidos que vão se dizendo parte de uma cultura são produzidos, criando a ilusão de unidade, de pertencimento a um coletivo, bem como servindo de suporte para produção de subjetividades. Ferreira (2011, p. 63) traz que

poderíamos entender a produção de sentidos como produção de subjetividades. E a cultura seria um laço essencial nessa atividade. [...] A língua seria, justamente, a torção da linguagem que se dá numa cultura determinada e por aí torna-se reveladora dos sujeitos. [...] esse ritual de assujeitamento da cultura também deixaria brechas por onde emergiriam com força as singularidades. § Teríamos, então, as formas de manifestação de um corpo cultural, amparadas numa figuração triangular: (1) a língua (como torção da linguagem) (2) o sujeito (como posição na formação social) e (3) a cultura (como suporte) (FERREIRA, 2011, p. 63).

Assim sendo, a cultura promove o laço social, bem como serve de suporte para a construção das subjetividades. Pensar a cultura dessa forma nos auxilia no entendimento do caráter assujeitador desta. A cultura, como a ideologia, interpela os indivíduos em sujeitos no sentido de que, ao nascer, não escolhemos a língua, as estruturas, a comida, a família ou a cidade, mas nos limitamos a incorporar e reproduzir essa trama de práticas, rituais, crenças e significados já sedimentados que dão a ilusão de unidade. Unidade impossível de existir, já que a cultura não é homogênea.

Apesar da heterogeneidade interna que existe em uma cultura, produz-se um imaginário de unidade a partir de alguns padrões compartilhados que dizem como os sujeitos devem ser e fazer para pertencerem ao grupo. A herança cultural repetida por gerações condiciona-nos a seguir e aceitar esses padrões, bem como discriminar, agir depreciativamente, deixar de fora quem não os segue. Assim, temos que os sentidos são forjados de maneiras diferentes em culturas diferentes, e daí o sentimento de estranheza frente aos estrangeiros.

Voltando à pergunta colocada como subtítulo podemos dizer que a cultura tem seu lugar na análise do discurso, onde passa a ser entendida a partir de sua não completude, está sujeita ao equívoco e à falha em suas práticas inseridas nos processos históricos de reprodução, mas que, assim como a ideologia e o inconsciente, mascara seu processo de operacionalização, fabricando um efeito de unidade, de homogeneidade, encobrando seu caráter heterogêneo e ignorando as diferenças internas. A cultura em relação com a

ideologia perpassa as relações entre os sujeitos e o mundo, fazendo, dessa forma, parte da constituição do sujeito e de sua relação com a língua, com os sentidos produzidos e no seu relacionamento com o outro. A cultura também comporta o espaço da resistência, pois, sabendo que não há ritual sem falha e que a interpelação nunca é perfeita, abrem-se brechas para a resistência, para ruptura e, portanto, para mudança, para transformação.

2 Iniciando as análises

Inscrever-se em outra cultura, em outra língua, implica ressignificar e ressignificar-se, encarar novos confrontos, novos questionamentos e serem falados por essa nova língua, além de nela se dizer.

Para entrarmos nessa ideia do sujeito que se coloca entre culturas, aqui nos referimos aos brasileiros que cruzam a fronteira e vão morar em outro país, deparando-se, assim, com outra cultura. Embora, saibamos que as fronteiras nacionais por vezes são ficções, entendemos que a partir do surgimento da nação e a necessidade do sujeito em ser cidadão, cria-se a ilusão de identidade, a partir da qual o sujeito se singulariza enquanto nação. De acordo com Rodríguez- Alcalá (2004) a partir do surgimento da nação resultam duas supostas identidades: a nacional e a cultural, sendo que ambas emergem como pontos associados e sensíveis na discussão sobre a subjetividade dos sujeitos nestas sociedades.

Dessa forma, o sujeito em busca de identificação, estabelece semelhanças entre aqueles parte de uma nação, bem como diferenças com aqueles além fronteiras. Estes sentidos vão se constituindo como parte destas culturas, embora saibamos que este efeito de homogeneidade seja da ordem do imaginário destes sujeitos.

Dito isto, buscaremos pistas no discurso da brasileira Ana, nome fictício que usaremos para falar desta participante, de como ela se coloca em outro lugar, a fim de verificarmos como esse sujeito se vê nesse outro lugar, bem como ela vê sua cultura de origem e sua relação com outras culturas.

Ana, 32 anos de idade, farmacêutica, com mestrado na área, aceitou fazer um relato de seu percurso no exterior via Skype. Primeiramente fizemos um contato por e-mail e marcamos nosso encontro por Skype. Ela mora atualmente na Nigéria, já tendo morado em Angola, na Inglaterra e nos Estados Unidos, somando um total de quatro anos no exterior. O motivo pelo qual saiu do Brasil foi a contratação de seu marido por uma multinacional petrolífera e,

desde então, Ana deixou seu emprego de farmacêutica na Johnson & Johnson no Brasil para viver essa experiência com seu esposo.

Os recortes feitos a partir do relato de Ana serão tratados a partir das categorias: o estranhamento imaginário dos traços da outra cultura e o espaço que o estrangeiro imagina ocupar nesse outro lugar. Na teoria da análise do discurso esses recortes são tratados como segmentos do discurso, recebendo, portanto, a denominação de "sequências discursivas"(SDs).

O processo de subjetivação desse sujeito na outra cultura não acontece separado da ordem do inconsciente, da ideologia ou da cultura, levando, portanto, a questão da linguagem e dos conflitos gerados no embate entre um sujeito que já chega com uma carga de interpelação e os novos dizeres que passam a interpelá-lo para que possa "se dizer" e "ser dito" nessa cultura.

Sabemos que os sujeitos são interpelados por diferentes formações discursivas, bem como pelo confronto entre elas, pela disputa entre elas no conjunto completo dos aparelhos ideológicos de Estado que a formação social comporta (PÊCHEUX, 2009). No entanto, para o propósito deste artigo, nos deteremos somente na formação discursiva "Ser Estrangeiro", buscando os elementos que entram em jogo no processo de subjetivação deste sujeito, o qual se dá nesse confronto imaginário entre culturas. Uma interpretação possível é a de que esse sujeito se identifica com a posição sujeito estrangeiro, ou seja, aquele que vem de/ pertence a outro lugar, é fora do comum e não se reconhece. Uma das condições de produção dessa identificação na FD ser estrangeiro e de permanecer como um observador que está ali de passagem pode ser o fato de a Nigéria ser um país de pobre.

A Nigéria localiza-se na África Ocidental; surge como colônia britânica no final do séc. XIX e início do séc. XX. Conquistou sua independência em 1960, entrando em guerra civil anos mais tarde. A Nigéria tem cerca de 174 milhões de habitantes com 500 grupos étnicos. É um país que possui uma grande riqueza em recursos naturais, pois embaixo do seu subsolo existe uma enorme reserva de petróleo. Todavia essa riqueza não favorece a população, a qual convive com o desprovimento de serviços públicos e infraestrutura, tais como moradia, alimentação, saúde, educação, renda, entre outros.¹

O sujeito, ao se inserir nas línguas e discursos desse país, insere-se também em suas culturas, o que implica a relação com o outro/Outro², lugar de

¹ Informações retiradas do site Brasil Escola. Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/nigeria.htm>

² Trataremos neste texto da concepção vinda da psicanálise, a qual compreende o pequeno outro como o semelhante, igual ou rival, esse outro é do registro do imaginário, já o grande Outro é um lugar onde o sujeito é mais pensado do que pensa, ele é o arquivo dos discursos de todos que foram importantes para o sujeito.

onde o sujeito se olha e se autoriza a falar em primeira pessoa. Neste processo solicita as bases de sua estruturação psíquica, bem como a língua materna que foi o meio pelo qual essa estruturação foi possível e que, em confronto com a outra língua, faz surgirem questionamentos, modifica o que já está inscrito via primeira língua, bem como provoca um deslocamento de marcas anteriores, produzindo uma reconstrução da relação imaginária desse sujeito. Para verificarmos os recortes feitos a partir do relato de Ana, passemos para a primeira categoria de análise proposta.

2.1 O estranhamento de outras culturas

Em seu relato, Ana conta-nos que a Angola foi o primeiro país em que morou fora do Brasil, ficou lá por quase um ano. Esse primeiro contato foi muito marcante, o choque que ela sofreu, sendo uma curitibana, foi muito marcante como ela nos diz:

SD1: Acho que a Angola, pra mim, foi o mais marcante [...] porque foi o primeiro lugar que eu morei. E por ser um país de terceiro...né, terceiro mundo, subdesenvolvido, me chocou muito. Foi muito chocante. [...] Quando a gente foi pra Angola foi muito ruim. Ah, foi horrível, eu não gostei das pessoas, eu não gostava do cheiro do lugar, ah, quando você vai pra pousada...você começa a ver aquelas casinhas, aquilo tudo...foi muito difícil, foi muito chocante. Nada que a gente não tenha no Brasil, mas uma realidade que eu não conhecia. [...] Eu sou de Curitiba, eu morei em Curitiba até casar e tal, pra mim foi muito...assim, deu vontade de chorar mesmo, de você ver tamanha miséria. Você vê aquelas casinhas de papelão, literalmente, casinhas de papelão que não dá nem pra chamar de casa.

Numa primeira leitura dessa SD, podemos dizer que o contato inicial de Ana com o lugar onde moraria não coincidiu com o imaginário que tinha sobre morar no exterior. Normalmente, ao deixar seu país para viver em outro lugar, os migrantes desejam um país de primeiro mundo, em consonância com as imagens que recebem através da mídia ou de depoimentos de outras pessoas. O imaginário que se forma é de países com oportunidades, onde se possa ter tanto bens materiais como segurança, organização, entre outros. Porém, a imagem formulada sobre essa expectativa não corresponde, e causa, pois, um sentimento de estranhamento, de rejeição, o que podemos confirmar pelo uso

do advérbio de intensidade "muito" que enfatiza os adjetivos "ruim", "difícil" e "chocante", além da declaração negativa "não gostei". Ela justifica esse choque pelo fato de ser um país de terceiro mundo e subdesenvolvido, o que vai ao encontro da nossa afirmação anterior de que o imaginário que os brasileiros têm sobre um país para se viver no exterior é um país de primeiro mundo, bem como a imagem que países de terceiro mundo, subdesenvolvidos, são lugares desagradáveis. Ao se referir ao terceiro mundo para justificar seu desconforto, ela hesita e busca a concordância do enunciatário, usando o conector "né", ela parece buscar uma palavra adequada para se referir a Angola. Este conector ganha o estatuto de forma metaenunciativa capaz de produzir um efeito de sentido denunciando o medo de uma não-coincidência do dito entre o sujeito e o outro. Vale lembrar com Authier-Revuz (1990) que o discurso direto pode apresentar marcas do debate do enunciador com a alteridade na tentativa de preservar o que depende do seu próprio discurso e do discurso de outrem e, ainda, o que marca seu discurso com não-coincidências consigo próprio, não-coincidências entre palavras e coisas não-coincidências das palavras com elas mesmas e não-coincidências entre enunciador e enunciatário.

Percebemos ainda nessa sequência discursiva o estranho familiar, o retorno de algo que estava recalcado, escondido e que, de repente, se mostra. O que choca Ana é uma realidade que existe no Brasil, a qual se sabe da existência, mas não se olha, ela está naturalizada e longe do núcleo, do espaço desenvolvido urbano. Esta realidade está na periferia, a qual compreende o espaço muitas vezes privado de condições básicas de urbanidade. Assim sendo, no momento em que este estranhamento se torna familiar, causa uma angústia, um desespero que Ana sente vontade de chorar. O tema "estranho" foi tratado por Freud em 1919, o estranho se caracteriza por ser assustador, mas que é conhecido e familiar. Freud compara a palavra alemã *Unheimlich*, que designa o estranho, com a palavra *heimlich*, que denomina o familiar. Há, apesar da oposição entre estas palavras, um lugar onde o estranho que foi silenciado se mostra como familiar e retorna. Em Freud (1976, p. 282-283) encontramos que

Em geral, somos lembrados que a palavra 'heimlich' não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de ideias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é agradável e familiar e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. 'Unheimlich' é habitualmente usado [...] apenas como o contrário do primeiro significado de 'heimlich', e não do segundo.
[...] 'heimlich' é uma palavra cujo significado se

desenvolveu na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com seu oposto, 'unheimlich'.

No caso de Ana, de início ela se deparou com outros modos de estar no mundo, diferentes daqueles que lhe foram dados a ver em sua cultura, mesmo que estes sentidos estivessem presentes, estavam escondidos. Esses novos sentidos que vão se apresentando ao sujeito e se confrontando com os modos de significação introjetados no sujeito, próprios da sua cultura. São sentidos constituídos sócio-historicamente que fornecem uma nova realidade enquanto sistemas de evidências aceitos e que modificam a relação imaginária do sujeito com a realidade. Dessa forma, o sujeito se assujeita ao Outro da outra cultura que lhe fornece novas formas de dizer. Todo esse processo acontece por meio da linguagem, sendo esta a condição para se tornar sujeito. Quanto à língua, Ana diz ter dificuldades para entender em alguns momentos, mas não entende essa dificuldade como um problema. Observemos o próximo recorte.

SD2: Então, assim, eu falo inglês até porque eu morei na Inglaterra e nos Estados Unidos, eu já...quando eu fui morar em Angola eu já tinha feito curso de línguas e tudo, então eu não tive problema com o idioma aqui. Mas muitas vezes eu não entendo. (Risos) [...] O que eles falam, muitas vezes eu tenho...principalmente a moça que trabalha aqui comigo, eu falo pra ela "fala devagar porque não dá pra entender", apesar de ser inglês, mas não tem...o sotaque é completamente diferente, é... [...] por mais que eu já tenha morado na Inglaterra, às vezes eu tenho dificuldade pra entender os ingleses.

Como nos diz Pêcheux (2009), a língua serve para comunicar e não comunicar, no entanto, comumente a língua é tratada como um instrumento que serve para comunicar e, a partir disso, podemos dizer que Ana se vê com problemas, com dificuldades no tocante à língua, apesar de já ter feito cursos de línguas e ter morado em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, onde a língua oficial é o inglês. Mesmo assim, ela sente dificuldades para entender essa língua, sob a ilusão de que a mesma é neutra, sem história, cabendo somente a ela adequar o seu dizer. Tem-se a ilusão de que o sentido nasce com a palavra. Dizendo que "apesar de ser inglês" ela não compreende o que é dito pela sua auxiliar, Ana demonstra identificar-se com uma noção de língua unitária e a-histórica, como se existisse apenas "um inglês", desconsiderando, portanto, as demais variantes desse idioma.

Observa-se, nesta SD, uma contradição, Ana diz já ter morado na Inglaterra e nos EUA antes de morar em Angola, entretanto, na SD1, ela diz que Angola foi o primeiro lugar onde morou. Podemos dizer que o efeito de sentido produzido é de uma separação entre países desenvolvidos e países pobres, desse modo, Angola seria o primeiro país pobre onde Ana morou. Esta classificação não abarca países desenvolvidos como a Inglaterra e os EUA.

Para a análise do discurso, a língua vai além, ela é a condição da ideologia, da estruturação do inconsciente, e da cultura; ela faz um trabalho de mediação, interpelando o indivíduo em sujeito. Assim sendo, conforme Ferreira (2000, p. 26), "em matéria de linguagem, não se pode dizer tudo", mas a linguagem opera sob a evidência do sentido, o que, no caso do sujeito que se coloca em outra língua, causa a sensação de que não domina um código somente.

Porém, aproximar-se de aspectos mais específicos da língua implica buscar sentidos que nem sempre são compreendidos pelos sujeitos, implica também trocar o nome das coisas, e isso envolve uma mudança interna, já que, ao mudar a palavra, muda também o objeto discursivo, já que nesse processo estão relacionadas representações histórico-político-ideológicas, bem como as representações inconscientes e culturais.

2.2 O espaço que ocupa o estrangeiro no outro lugar

O estranhamento com relação à cultura e à língua do outro pode provocar medo ou uma forte atração. No caso do medo do estranho, do desconhecido, pode-se impor uma barreira, uma divisão. Ana coloca-se como estrangeira e aceita essa condição como algo que a distancia, a diferencia dos locais. Ela se identifica com a FD "Ser Estrangeiro", ela assume a posição de alguém que vem de fora e não pertence àquele lugar. Distância que podemos observar na sequência discursiva abaixo.

SD3: A gente tem motorista, mas não é luxo. Assim, todos os expatriados, todos os estrangeiros têm motorista. [...] Porque, primeiro porque é uma maneira da empresa cuidar da segurança da família, tendo um local dirigindo se acontece um acidente, na hora de discutir ali eles resolvem, a gente não precisa se envolver.

Nessa sequência, Ana traz o fato de que os estrangeiros têm motorista. Está presente aqui o não-dito de que os locais não têm acesso a esse benefício, trata-se de uma diferenciação entre os locais e os estrangeiros. O uso da conjunção adversativa "mas" leva a interpretação para outro conjunto de saberes, pois se significa que normalmente ter um motorista é artigo de luxo, o que, no discurso em que Ana se inscreve, corresponde a cuidar da segurança dos estrangeiros, servindo também como mediador entre os locais e os estrangeiros em caso de necessidade. Chama a atenção o fato de Ana dizer que tendo um motorista "não precisa se envolver". Esse dizer nos leva a confirmar a posição de estrangeira representa um lugar confortável, não há necessidade de se envolver e resolver nenhuma situação mais complicada nesse outro lugar, já que para isso seria preciso invocar regras e sentidos que não fazem parte do seu conjunto de saberes, assim, para Ana, é mais fácil permanecer nesta.

O uso do pronome "eles" faz também uma distinção, uma separação entre os locais "eles" e os estrangeiros "nós". A cultura pode ser usada como uma ferramenta na construção do outro, afirmando diferenças e legitimando a hierarquização. Cria-se uma espécie de bolha que os protege do apavorante lá fora que habita essa cultura. Estabelece-se aí uma relação de poder entre o estrangeiro, aquele que tem dinheiro, e os nigerianos, aqueles que não têm. O termo "expatriado", de que Ana lança mão para falar sobre os estrangeiros, merece também nossa atenção. Olhando com cuidado para esse significante, percebemos a menção à pátria, lugar do familiar, um ponto de partida antecedido pelo morfema "ex", revelando uma ausência ou saída de pátria, isto é, uma ausência de território de pertencimento. Observemos a próxima sequência.

SD4: Ana: estrangeiro, tem muito estrangeiro, muito branco aqui, principalmente na região que a gente mora. [...] Que é um...um bairro assim, vamos dizer, privilegiado. É um condomínio dentro de um condomínio [...] Então pra você entrar aqui dentro do nosso bairro tem segurança também, mas nesse bairro tem vários condomínios.

Entrevistador: Uhum. E por que, assim, o fato de você ser branca ajuda?

Ana: Porque eles sabem que os brancos têm dinheiro.

Nessa sequência, constatamos novamente a relação de poder entre os estrangeiros e os locais. Ana ressalta o fato de ter muito estrangeiro na Nigéria pelo uso do advérbio de intensidade "muito", além da repetição da palavra

estrangeiro. Esta palavra, nesse recorte, desliza e, além de significar aquele que vem de outro lugar, de outra cultura, se refere também à cor da pele branca. Ser estrangeiro na Nigéria é também ser branco. Essa fronteira estabelecida entre os locais e os estrangeiros pode ser observada também quando Ana nos diz que na região onde mora há muitos estrangeiros, trata-se de um bairro privilegiado, com seguranças que estão ali para manter essa fronteira. Fronteiras imaginadas a partir das diferenças estabelecidas e de onde emana o poder, bem como a desigualdade social característica da formação social capitalista, a qual dá poder àqueles que detêm o capital financeiro, e define aqueles que não têm como preguiçosos, incompetentes e responsáveis pela sua pobreza. Essa pobreza é, então, legitimada pelo mercado e pela divisão do trabalho. É válido observar, ainda, a modalização empregada por Ana ao falar do bairro onde mora. Ela diz que é um lugar "vamos dizer" privilegiado. Chama-nos a atenção esse mecanismo de atenuar o sentido de privilegiado, pois podemos entender como "privilegiado" naquele lugar, diante daquela configuração social, mas talvez não em outros. Também o uso da palavra "assim" traz uma marca metaenunciativa que busca uma coincidência entre a palavra e a coisa. Ana usa duas terceiras pessoas do plural, uma nominada e a outra não. "Eles" x "os brancos". Eles corresponde aos negros, e "os brancos" aos estrangeiros. Ela não se inclui, não usa "nós" para se referir aos brancos, uma vez que a entrevistadora usa "você" na pergunta. Há uma marca de estrangeiridade em relação a si mesmo, é vergonhoso ter dinheiro em um país tão pobre. Inconscientemente ela não parece admitir dizer "nós temos dinheiro", bem como evita dizer "os negros", referindo-se a estes como "eles". Dessa forma, retomando o dizer de Ana, ser branco ajuda, pois ser branco significa ser estrangeiro, significa ter dinheiro, o que facilita a convivência nesta outra cultura, lhe dá um estatuto de superioridade e até a exime de certas regras.

3 Para concluir

O propósito deste artigo foi chamar atenção dos analistas do discurso para a questão do sujeito que se coloca entre culturas e entre línguas. Esse indivíduo, que já se constituiu como sujeito em uma cultura, já criou sua realidade com base no que foi lhe dado a ver e nos sentidos que são permitidos nas formações discursivas das quais faz parte, se aventura em outra cultura e se depara com novos dizeres, outras formas de subjetivar-se. Ele coloca em xeque o que vê e o que não vê, o que imagina que sabe e nesse processo acaba se

colocando num lugar onde não só vê o outro como diferente, mas à medida que se subjetiva em outra cultura, começa a ver o que é seu também como estranho.

Entendemos que, mesmo dentro de um país, especialmente falando do Brasil, cujo território é imenso, existem variadas culturas. São diversas as formas de participar de cada grupo e os sentidos ali produzidos. No entanto, o imaginário social se constitui numa força reguladora do coletivo e peça muito importante no exercício do poder. Nesse sentido, a cultura atua de forma homogeneizadora, encobrindo conflitos sociais e dando ao sujeito a ilusão de que pertence a um lugar.

Ao se inserir em outra cultura, os saberes e dizeres que interpelaram o sujeito em sua cultura de origem o auxiliam a atribuir sentido a essas outras práticas, bem como o imaginário já construído acerca desse novo lugar traz à tona sentimentos agradáveis ou desagradáveis. Esse contato coloca em confronto os sentidos já constituídos com os novos sentidos, deixando no sujeito uma grande interrogação, ele já não se reconhece como parte de nenhuma cultura, ao mesmo tempo que participa das duas.

Fazendo referência ao caso de Ana, abordado neste artigo, ela resiste em desistir de sua cultura como brasileira, curitibana e se identifica com a posição-sujeito estrangeira. Ela se considera uma estrangeira. No dicionário, encontramos que o estrangeiro é aquele

que é natural de país diferente daquele que se está considerado. sm1 Pessoa que não é natural do país onde se acha, e de cuja cidadania não goza (Dicionário Michaelis).³

Nesta definição formal, retirada do dicionário, o estrangeiro é aquele que não pertence legalmente a um país, não tem cidadania. No entanto, nos dizeres de Ana, ser estrangeiro vai além dessa definição. Na formação discursiva em que se inscreveu na Nigéria, ser estrangeiro significa ter privilégios (ter motorista, morar em bairro "privilegiado"), mas também significa ser reconhecido como não pertencendo àquela pátria já no primeiro olhar (porque é branca).

A ilusão de unidade da cultura mascara as diferenças e as desigualdades internas dos outros, criando estereótipos e generalizações. Contudo, devemos

³ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=estrangeiro>

pensar que a cultura como um fenômeno de linguagem que é passível de interpretação, não pode ser considerada separada das ordens histórica, social e ideológica, bem como também deve ser levada em conta sua ligação com o inconsciente dos sujeitos. Ela é, dessa forma, dinâmica e comporta rupturas, deslizos, equívocos e resistências. Resistência que pode surgir de mudanças internas, como também do confronto com outras culturas de países diferentes.

Para finalizar, cabe ao analista desestabilizar e desnaturalizar a cultura, buscar seus sentidos, os quais não são transparentes, em relação com as filiações sócio-históricas e, assim, desmistificar fatos tidos como naturais, evidentes e imutáveis.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Observação sobre uma categoria: “Processo sem sujeito nem fim(s)”. In: **Posições –1**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 66-7.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cad. Est. Ling.** Nº 19, Campinas, SP, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- CARVALHO, J. M. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: **RBCS**. V. 13, n. 38, p. 63-79, 1998.
- CORACINI, M. J. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: _____. (Org.). **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 139-195.
- ESTEVEZ, P. M. S. **O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre o sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras**. Tese (doutorado em Linguística). Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, 2014.
- FERREIRA, M. L. F. O discurso do corpo. In MITTMANN, Solange; SANSERVERINO, Antônio Marcos (Org.). **Trilhas da investigação: a pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva**. Porto Alegre, RS: Instituto de Letras/UFRGS, 2011. p. 89 – 105.
- _____. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24. n. 48, p. 17-34, 2010.
- _____. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- FREUD, S. O estranho. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, 1976, p. 271-318.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

MARIANI, B. S. C. Sujeito e discurso contemporâneos. In: In: INDURSKY, F.; LEANDRO- FERREIRA, M.C.; MITTMANN, S. (Org.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 43-53.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2012. Edição original: 1983.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi et al. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009. Edição Original: 1975.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: **Língua(gem) e identidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. p. 213-230.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 16ª ed. São Paulo/SP: Ed brasiliense, 2010.

Recebido em novembro de 2016.

Aprovado em dezembro de 2016.

SOBRE AS AUTORAS

Thaís Valim Ramos é doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atua na linha de pesquisa Análise Textuais e discursivas sob orientação da professora Doutora Maria Cristina Leandro Ferreira. É bolsista CNPq. Pesquisa temas relacionados à cultura no campo da análise do discurso. É membro do grupo de pesquisa Oficinas em AD: conceitos em movimento (UFRGS).
E-mail: thaisvr@gmail.com

Maria Cristina Leandro Ferreira é professora Titular do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pós Doutora em Análise do Discurso pela Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris 3 (2008); líder do grupo de pesquisa Oficinas em AD: conceitos em movimento, Editora da Organon, Revista do Instituto de Letras, organizadora do Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), realizado em Porto Alegre, de 2003 a 2013. Autora de várias publicações, relacionando a Análise do Discurso com outras áreas e envolvendo a interface do discurso com as noções de corpo, cultura, arte e sujeito, predominantemente.
E-mail: kitty@ufrgs.br